

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)
ISSN: 2177-2886

Artigo

E a Fralda de Pano, Quem vai Lavar?

“Bela Maternidade”, Economia dos Cuidados e Ecofeminismo

¿Quién va a Lavar los Pañales de Tela? “Bela Maternidad”, Economía de los Cuidados y Ecofeminismo

And the Cloth Diaper, who will Wash it? “Bela Motherhood”, care Economics and Ecofeminism

Bruna dos Santos Gonçalves
Universidade Federal do ABC - Brasil
bruna.g@ufabc.edu.br

Arlene Martinez Ricoldi
Universidade Federal do ABC - Brasil
arlene.ricoldi@ufabc.edu.br

Como citar este artigo:
GONÇALVES, Bruna dos Santos; RICOLDI, Arlene Martinez. E a Fralda de Pano, Quem vai Lavar? “Bela Maternidade”, Economia dos Cuidados e Ecofeminismo. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 14, n. 2, p. 115-139, 2023. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

E a Fralda de Pano, Quem vai Lavar?

“Bela Maternidade”, Economia dos Cuidados e Ecofeminismo

¿Quién va a Lavar los Pañales de Tela? “Bela Maternidad”, Economía de los Cuidados y Ecofeminismo

And the Cloth Diaper, who will Wash it? “Bela Motherhood”, care Economics and Ecofeminism

Resumo

O presente artigo se propõe a fazer um estudo do movimento de maternidade natural, ou maternagem, compreendido aqui a partir das obras de Badinter (2011) e Vieira e Ávila (2018) e a naturalização da maternidade, compreendida através da obra de Scavone (2001), que sustenta o exercício de uma maternidade pretensamente mais conectada com a natureza e com as necessidades da criança. A partir dessa revisão bibliográfica, pretende-se tomar como caso-paradigma o material publicitário da linha de fraldas de pano assinadas pela cozinheira e apresentadora Bela Gil, em parceria com a empresa "Morada da Floresta", objetivando apreender os contornos, nesta, do ideário produzido por aquelas. Apresentados esses dados, serão tecidos breves apontamentos em relação ao material analisado e ao novo – com contornos de velho – ideário correspondente do exercício da maternidade, relacionando-os à parte das críticas da teoria feminista (Badinter, 2011; Scavone, 2001; Connell, 2015; 2016), bem como à divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009; Bruschini, 1985; Carrasco, 2008) e à constituição de espacialidades a partir de perspectivas da geografia feminista (Przybysz, 2017; Massey, 2008; Aitken 2000), apresentando-se um olhar trazido pelo ecofeminismo, objetivando perscrutar quais os acertos, as ausências e os problemas apresentados por esse novo ideário de maternidade.

Palavras-Chave: Maternidade; Divisão sexual do trabalho; Ecofeminismo; Parentalidade; Naturalização; Espacialidade.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo estudiar el movimiento de la maternidad natural, o el maternaje, entendido aquí a partir de los trabajos de Badinter (2011) y Vieira y Ávila (2018); y la naturalización de la maternidad, entendida a través del trabajo de Scavone (2001), que apoya el ejercicio de la maternidad supuestamente más conectada con la naturaleza y las necesidades de las/os niñas/os. A partir de esta revisión bibliográfica, pretendemos tomar como caso paradigmático el material publicitario de la línea de pañales de tela firmado por la cocinera y presentadora Bela Gil, en colaboración con la empresa "Morada da Floresta", con el objetivo de comprender los contornos de las ideas producidas por ello. Una vez presentados estos datos, se realizarán breves notas en relación con el material analizado y la nueva – con contornos de la antigua – ideología del ejercicio de la maternidad, relacionándola con las críticas a la teoría feminista (Badinter, 2011; Scavone, 2001; Connell, 2015; 2016), así como la división sexual del trabajo (Kergoat, 2009; Bruschini, 1985; Carrasco, 2008) y la constitución de espacialidades desde las perspectivas de la geografía feminista (Przybysz, 2017; Massey, 2008; Aitken 2000), presentando una perspectiva aportada por el ecofeminismo, con el objetivo de examinar los éxitos, ausencias y problemas que presenta esta nueva idea de maternidad.

Palabras-Clave: Maternidad; División sexual del trabajo; Ecofeminismo; Criar; Naturalización; Espacialidad.

Bruna dos Santos Gonçalves, Arlene Martinez Ricoldi



Abstract

The purpose of this article is to study of the movement of natural motherhood or mothering based on the works of Badinter (2011) and Vieira and Ávila (2018) and the naturalization of motherhood, as proposed by Scavone (2001), which supports the exercise of a motherhood that is supposedly more connected with nature and the child's needs. From this bibliographic review, the paradigm case analyzed is the advertising material of the line of cloth diapers signed by the chef and presenter, Bela Gil in partnership with the company "Morada da Floresta", aiming to apprehend the contours provided by the advertisement regarding the use of those diapers. Once the data presentation, brief notes are put forward related to the material analyzed and to the new – with contours of old – corresponding ideology of the exercise of motherhood, relating them to the criticism of feminist theory (Badinter, 2011, Scavone, 2001 and Connell, 2015 and 2016), as well as the sexual division of labor (Kergoat, 2009; Bruschini, 1985 and Carrasco, 2008) and the constitution of spatialities from the feminist geography perspective, presenting a look brought about by ecofeminism, aiming to scrutinize the successes, absences and problems presented by this new maternity idea.

Keywords: Maternity; Sexual division of labor; Ecofeminism; Parenting; Naturalization; Spatialities.

Introdução

A ideia que preconiza o amor materno sob uma base biológica incontornável, ou que as experiências por meio do corpo biológico feminino seriam únicos ou privilegiados meios de construção de uma ligação entre a mãe e "seu"¹ bebê, ocupa um lugar central nas construções históricas do feminismo (Meyer, 2005), ou seja, “as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo [a maternidade]” (Scavone, 2001, p. 142).

Noções como essas servem para criar expectativas normativas acerca de um modelo social de maternidade idealizada. Alargar a compreensão sobre como funciona esta modulação permite “mostrar como determinadas maternidades são significadas politicamente no interior de uma série de discursos e saberes que as normatizam e definem” (Meyer; Schwengber, 2019, p. 499).

Por isso, direciona-se o olhar justamente à tensão formada entre duas noções sobre a condução dos processos de gestação/parto/cuidado. De um lado, a maternidade naturalista (Vieira; Ávila, 2018; Badinter, 2011; e, em alguns sentidos, Scavone, 2001) e o que se se convencionou chamar de “maternidade científica” (Freire, 2006, p. 44-45).

Se, de um lado, a maternidade científica, herdeira do modelo médico de apropriação do corpo da mulher, vem sendo situada pela crítica (Freire, 2006) como ultrapassada e danosa, de outro, a maternidade naturalista é apresentada como uma nova forma de exercer a maternidade, voltada ao “natural”².

1 Destaca-se que a utilização do léxico “seu”, nesse caso, não se revela sem razão, pois a essencialização da maternidade a que se debruça neste trabalho tem uma relação bastante próxima com uma experiência parental centrada na família nuclear, com uma ligação íntima com as próprias relações biológicas entre os componentes desta.

2 A noção de “natural” ou “natureza” é complexa em sua concepção, normalmente oposta à cultura e vista como sinal de pureza ou retorno às “origens”. Para uma problematização da noção de natureza, ver obras de Donna Haraway (2004 e 2009).

Esse natural seria compreendido a partir de uma tradição de leitura sociobiológica, que teria início com a obra de Alice Rossi *A biossocial perspective on parenting* (Badinter, 2011), na qual a autora explora a ideia de que a maternidade seria uma posição privilegiada biologicamente para o *bonding*, ou “teoria do apego” (Pontes; Silva; Garotti; Magalhães, 2007, p. 69). Ou seja, como continua Elisabeth Badinter, que a relação de vínculo entre mãe e criança é superior por natureza e que seria na própria natureza (enquanto biologia) que se encontraria a explicação da divisão sexual do trabalho (Badinter, 2011).

A pergunta que se faz a partir dessas perspectivas é se, de fato, a maternidade naturalista é capaz de “libertar” essas mulheres, ou se constitui apenas uma nova roupagem do chamado segundo momento³ da interpretação da maternidade pelo feminismo, repetindo e reforçando a armadilha de discursos disciplinadores que já haviam sido superados em prol de atitudes tomadas como “naturais” (Scavone, 2001). Foram exatamente esses discursos que levaram boa parte dos feminismos a criticar as atribuições conectadas à maternidade, de cunho “obrigatório” e reservado sobretudo às mulheres, sobrecarregando-as, impedindo-as de se desvencilhar do espaço doméstico e a ele as restringindo, isolando-as e podendo-lhes a autonomia (Biroli, 2018). Além disso, a sobrecarga reduz não somente em tempo, como também em energia as possibilidades das mulheres em diversas esferas da vida, gerando um extremo cansaço para as mulheres, como menciona Rosamaria Carneiro (2019).

Assim, afigura-se uma contraposição entre o que se chamou de re-essencialização da maternidade, por um lado e, por outro, uma noção, calcada na ideia de que a maternidade/maternagem/parentalidade também pode assumir contornos feministas a partir, especialmente, do movimento de deslocar essas funções do espaço privado para o público, apresentando-as em sua pluralidade de formas e os atravessamentos de gênero, classe e raça que os compõem (Carneiro, 2019).

É a partir do paradigma dessa nova maternidade naturalística e re-essencializada que se entende a inserção da campanha publicitária de fraldas de pano assinada pela apresentadora e chef de cozinha Bela Gil, para analisá-la, em relação a outras compreensões, orientadas notadamente pelo feminismo. Isto é, esse movimento de deslocar a maternidade do espaço doméstico para o espaço público a que Rosamaria Carneiro (2019) faz referência.

Bela Gil é uma figura pública, em razão de sua carreira como apresentadora de televisão, cozinheira, nutricionista e escritora, tendo sido protagonista de alguns episódios polêmicos devido à sua proposta de uma vida mais “sustentável”. Entre suas escolhas para alimentação dos filhos (Redação NT, 2020), o uso de fraldas de pano (Amaral, 2021) e a ingestão da placenta pós-parto (Dias, 2016), observa-se uma série de posições no eixo de cuidado com filhos e maternidade.

3 Scavone divide as interpretações prevalentes no feminismo acerca da maternidade em três momentos distintos, que serão explicados melhor mais adiante. O segundo, para efeito de entendimento, nega a ideia de maternidade como uma deficiência ou desvantagem (handicap), e, se valendo de uma literatura psicanalítica, relê a maternidade como provida de um sentido profundo, natural e místico, exclusiva de corpos sexuados ao feminino. (2001, p. 140-141).

Mestra em Ciências Gastronômicas (Universidade de Ciências Gastronômicas da Itália – UNISG) e Bacharelada em Nutrição (Hunter College, NY), conforme informações fornecidas em sua página oficial (Bela Gil, 2020a) é, além disso, conhecida por ser uma das filhas de Gilberto Gil, ícone da música brasileira. É autora do livro "Bela Maternidade", no qual, de acordo com a sinopse, revela as “dores e delícias” de ser mãe e dá dicas de como atravessar a experiência de forma mais tranquila e sustentável, relatando como é o exercício da maternidade de forma “mais natural” (Gil, 2018).

Entre os projetos de Bela Gil, optamos por analisar a campanha realizada para promoção de suas fraldas reutilizáveis. Trata-se de linha de fraldas de pano desenvolvidas em parceria com a empresa Morada da Floresta. Na loja oficial, uma fralda tamanho único (de 5 a 17kg) custa, aproximadamente, entre R\$ 50,00 e R\$ 80,00 (Morada da Floresta, 2022). De acordo com a descrição institucional:

As fraldas de pano modernas geram um impacto social e ecológico, pois reduzem a geração de resíduos de fraldas descartáveis. Com 4 fraldas de pano ecológicas, a família deixa de utilizar aproximadamente 900 fraldas descartáveis, evitando o descarte de uma tonelada de plástico (Bela Gil, 2020b, online).

O projeto, parceria entre Bela Gil, a empresa Morada da Floresta⁴ e a instituição ChildFund Brasil⁵, também prevê a promoção de palestras e oficinas sobre educação em saúde, como preparação para o parto, aleitamento materno e cuidados com o bebê recém-nascido, para pais e mães de famílias em situação de vulnerabilidade social⁶.

A campanha publicitária que se pretende tomar como discurso para proceder à análise realiza marketing com produtos voltados para a infância e, não apenas isso, modula uma definição de maternidade, atrelando-a a fatores como o aleitamento materno. Nessa campanha, predomina a exibição de mães felizes, bebês risonhos e amamentação espontânea, sem dificuldades.

Como exemplo emblemático, essa nova – velha – forma de experimentar a maternidade, como no caso em tela, é disseminada com campanha publicitária em diversas mídias, orientada por uma linguagem de uma pretensa harmonia

4 Empresa com proposta de comercialização de produtos de impacto socioambiental. De acordo com dados disponíveis no site da mesma: “Acreditamos que a integração entre o ser humano e a inteligência da natureza gera abundância e felicidade. Que é possível transformar a consciência e o comportamento da sociedade para, JUNTOS, reduzirmos o descarte de resíduos no meio ambiente. Nossas soluções motivam pessoas e organizações a impactarem positivamente o planeta, gerando bem-estar e felicidade” (Morada da Floresta, s.d, online).

5 Agência humanitária que se instalou no Brasil há 52 anos; visa a proteção e a assistência a crianças, adolescentes, jovens e famílias em situação de pobreza pelo país. De acordo com dados obtidos pela plataforma da organização, a estratégia de atuação é baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente, nos conceitos de Privação, Exclusão e Vulnerabilidade (PEV) e no levantamento de informações junto às próprias crianças, adolescentes, jovens e suas famílias sobre a pobreza infantil (ChildFund Brasil, 2022).

6 Os itens doados pelo projeto às “mães carentes” incluem um miniberço de papelão com colchão, capa impermeável e lençol. Também integram o enxoval fraldas de pano, roupas de algodão, lenços reutilizáveis, manta, mosquiteiro, máscaras reutilizáveis, shampoo Aymara-Una, pomada para seios Lansinoh, camiseta sling JeniPele e sabão de coco Biowash, que é feito com óleo de babaçu e aloe vera (Bela Gil, 2020b).

com a natureza, em detrimento de um enfoque sobre os efeitos antiecológicos causados pelos resíduos das fraldas descartáveis.

O objetivo deste artigo é perscrutar tal material publicitário, objetivando melhor significar suas presenças e ausências sobre a própria maternidade, a divisão sexual do trabalho e o ecofeminismo.

Para isso, dividimos este artigo em quatro partes: a primeira, "Conflitos entre parentalidades ou quem vai lavar as fraldas de pano?", faz um balanço bibliográfico sobre maternidade e parentalidades e como esse tema vem se desenvolvendo na literatura; na segunda parte, "Materiais e métodos", descreveu-se o processo de seleção do material a ser analisado, que integra a campanha para uso de fraldas de pano defendida por Bela Gil; na parte seguinte, "O discurso acerca das fraldas de pano e com qual maternidade ele fala", realizamos uma análise desse material, apontando alguns temas que podem vir a ser problematizados a partir de gênero, raça e classe; por fim, algumas considerações finais são articuladas.

Conflitos entre parentalidades ou quem vai lavar as fraldas de pano?

Parentalidade é um conceito que vem sendo trabalhado em oposição ao de maternidade e paternidade como esquemas de funções estáticas e apartadas entre os sexos, pensando no posicionamento dos diferentes atores sociais, independentemente de seu gênero, na constituição dos laços parentais e do desenvolvimento infantil (Garrafa, 2020), sem, contudo, olvidar que a maioria dos estudos ainda constata que as mulheres continuam tendo uma "relação mais comprometida com os filho(a)s do que os homens, sendo ainda elas que assumem a maioria das responsabilidades parentais" (Scavone, 2001, p. 148).

Na obra "O conflito: a mulher e a mãe", Elisabeth Badinter, filósofa francesa e teórica do feminismo, propõe uma ponderação sobre os efeitos do que descreve como um renascimento do discurso naturalista da maternidade, uma "volta a natureza" (Badinter, 2011, p. 45). A autora alega que tal discurso, ainda que sob um manto de conexão da mulher com seu corpo e com a própria natureza, acaba servindo como uma nova chamada para um exercício de uma maternidade como coração do destino feminino.

Esse retorno a uma maternidade naturalista pode ser encontrado na literatura de autoajuda, recorrentemente na lista dos mais vendidos. Esses títulos remetem a uma re-essencialização da maternidade, à plenitude da existência feminina a partir da realização da maternidade ou, ainda, um "encontro com a própria sombra"⁷, reforça pressupostos biológicos que se pensava, justamente, estar-se tentando superar com os movimentos feministas. Esses pensamentos procuram retornar a uma ideia de natureza idealizada. As mulheres deveriam

[...] se despojar das mentiras que nós contamos durante toda a vida sobre quem somos ou deveríamos ser. É estarmos soltas, poderosas, famintas, como lobas, leas, tigresas, cangurus ou gatas. Muito

7 A expressão remete à obra *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, da psicopedagoga clínica de origem argentina Laura Guttman, que tem diversos trabalhos, vende cursos e capacitações para profissionais de saúde. Suas publicações já venderam mais de 50.000 cópias no Brasil (Maia, 2017).

semelhantes às mamíferas de outras espécies em seu total apego pelas crias, ignorando o resto da comunidade, mas atentas, milimetricamente, às necessidades do recém-nascido (Gutman, 2003, p. 65).

Essa contradição entre, de um lado, as lutas históricas dos movimentos feministas em relação aos direitos reprodutivos e liberdade sobre os corpos (Scavone, 2001) e, de outro, uma nova biologização das experiências (Connell, 2016) forma o ponto nevrálgico desta análise. Essa nova biologização é tributária da psicologia junguiana e seus arquétipos, tomada a partir de noções de escritoras como Laura Gutman e Clarissa Pinkola Estés⁸.

A noção de arquétipo, em Jung, refere-se a um estrato de outra noção junguiana, a de “inconsciente coletivo”. Este seria constituído pela estrutura de representações compartilhadas por todas as pessoas e cujo repositório privilegiado estaria nos mitos, nos sonhos, nas religiões, etc. (Serbena, 2010; Jung, 2021). Assim, alguns teóricos e analistas de orientação junguiana, como as referidas autoras, trabalham no sentido de orientar uma busca desses modelos “inscritos no inconsciente coletivo”, mas que acabam por ignorar diversos outros elementos de ordem socioeconômica em sua compreensão, ou seja, “os aspectos socioestruturais contam pouco para esclarecer manifestações de insatisfação dos agentes em relação a sua identidade de gênero” (Oliveira, 2004, p. 161).

Lucila Scavone, a partir de tipologia de Ferrand e Langevin (1990), divide as interpretações prevalentes no feminismo acerca da maternidade em três momentos distintos. No primeiro momento, mais proeminente nos anos 1970, entendeu-se a maternidade enquanto um *handicap*, ou seja, um defeito natural “que confinaria as mulheres em uma bioclasse” (Scavone, 2001, p. 139). O grande símbolo desse primeiro momento seria a luta das mulheres pela contracepção, o que significaria a libertação feminina através da livre escolha.

O segundo momento seria a negação do *handicap*, quando se entende, notadamente a partir de algumas teorias oriundas da psicanálise, um sentido profundo, natural e místico na maternidade, experiência exclusiva de corpos sexuados ao feminino. Nesse sentido, seria produtora de reescrever essa experiência sob a ótica de uma identidade feminina que representaria poder-saber através da maternidade (Scavone, 2001).

Por fim, o terceiro momento apontado pela autora seria a ruptura com a noção primeira de um *handicap* natural, ao perceber-se que a origem da posição social das mulheres não seria determinada pelo aspecto biológico da maternidade, mas sim nas “relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade” (Scavone, 2001, p. 141-142).

Muito embora haja uma cronologia na tipologia apresentada por Scavone, parece certo que o terceiro momento não substitui o anterior, afigurando-se temerário descartar a essencialização e naturalização da mulher e da maternidade como insignificantes⁹. Mariana Sbaraini Cordeiro lembra que as

8 Clarissa Pinkola Estés, psicóloga também de matriz junguiana, ficou conhecida pelo livro *Mulheres que correm com lobos*, lançado em 1992 e que, desde então, encontra-se entre os mais vendidos, tendo sido, em 2020, o segundo livro mais vendido no Brasil, com 144 mil cópias (Carneiro, 2021). Sua principal noção é o arquétipo feminino de mulher selvagem, composta por meio da relação entre feminilidade/feminino e seus mitos.

reafirmações acerca de um “instinto materno” são recorrentemente apregoadas por psicanalistas, influenciando as noções que se formam em relação à maternidade (Cordeiro, 2013).

Assim, olhar e buscar esclarecimentos sobre os discursos que denotam essa essencialização, buscando esclarecimentos sobre suas especificidades, presenças e ausências, mostra-se relevante na medida em que são traços importantes que subsidiam as tomadas de posições identitárias de diferentes agentes frente a si mesmos e frente aos demais.

A concepção adotada neste trabalho alinha-se à compreensão da maternidade dentro da noção de parentalidades, o que implica compreendê-la não como uma experiência universal, mas sim como um dispositivo circunscrito historicamente, que subjetiva as mulheres (Perrot, 2019) a partir de uma noção de que seriam cuidadoras natas, ou seja, que a elas estaria reservado, por natureza, o trabalho reprodutivo (Carrasco; Borderías; Torns, 2011; Zanello, 2018).

A noção de parentalidades possibilita que se compreenda, também, as experiências com as maternidades como “uma realidade multiforme” (Perrot, 2019, p. 68), um processo socialmente construído, dentro de todas as tensões econômicas e simbólicas, e que sofre fortes influências de uma cultura dominante para que seja experimentado de formas específicas (Scavone, 2001). Ainda mais especificamente, dentro de um capitalismo de mercado, de formas consumíveis (Connell, 2015).

Trata-se, portanto, de confrontar essas perspectivas reformadoras da maternidade não apenas com ideias já consolidadas pelo pensamento feminista, como a divisão sexual do trabalho¹⁰ (Kergoat, 2009; Bruschini, 1985) e a desnaturalização das experiências (Connell, 2016), mas também avançar no campo, questionando o avanço do próprio capitalismo sobre pautas que se pretendem emancipatórias e os limites desta convergência conflituosa, perscrutando perspectivas (Connell, 2015; Federici, 2019; Firestone, 1976; dentre outras) que se proponham a romper com a lógica de mercantilização da mulheridade, do feminismo e da ecologia.

Constituição de espacialidades a partir do eixo do cuidado/reprodução e os problemas da dicotomia público-privado

Knoop (2007) tece uma crítica à maneira como a geografia se estrutura sobre o plano material de espacialidades do espaço público. Por outro lado, noções trazidas pela geografia feminista têm problematizado essa questão, buscando explicações mais complexas para a composição dos espaços a partir das relações privadas (Przybysz, 2017), trazendo o pertencimento (Tuan, 1980) para o centro da noção de construção dos espaços, considerando como

9 E não olvidando-se, na medida do possível, movimentos políticos que foram aglutinados sob este prisma de uma natureza comum às mulheres e que serviram, ao seu modo, para a perseguição de ideais emancipatórios (Connell, 2015, p. 224-226).

10 A noção de divisão sexual do trabalho foi cunhada primeiramente pela etnologia como forma de designar a repartição que entenderam por “complementar” das tarefas entre os sexos nas sociedades estudadas. Posteriormente, as antropólogas feministas é que vão perceber que a divisão sexual do trabalho não tem um caráter complementar, mas sim uma relação de poder dos homens sobre as mulheres (Kergoat, 2009).

pressuposto que o espaço é também um produto de diferentes práticas sociais inscritas nos agentes que os compõem (Massey, 2008), ou seja, que o próprio espaço se constitui por meio da materialização das relações de poder por detrás dos sujeitos que o compõem.

Diante disso, falar de múltiplas identidades interseccionadas na construção do cuidado e da reprodução é pensar, também, no que a sociedade não vê, que é o arranjo das espacialidades que atravessam as pessoas a partir do eixo do cuidado, interseccionando-o, notadamente, em relação à classe dos sujeitos. Perceber as diferentes formas de agenciar o cuidado reprodutivo implica em perceber a coexistência de relações público/privadas e, em decorrência, a construção da complexidade espacial desses sujeitos. Complexificar o espaço serve para descaracterizar a marcação dicotômica entre espaços públicos e privados, percebendo que a constituição espacial, bem como das identidades, “se dá através de uma multiplicidade de relações multiescalares que invisibilizam determinados fenômenos” (Przybysz, 2017, p. 18).

Analisar o espaço privado para tirar da invisibilidade os fenômenos que se espraiam nele parece uma medida importante para compreender, de um lado, as normas de gênero e sexualidade, na medida em que essas revelam sua complexidade compreendidas a partir do tempo e do espaço (Silva, 2009) e, de outro lado, a composição do espaço público, o qual é, por vezes, compreendido de maneira dicotômica, com compreensões demasiado marcadas sobre sua organização e composição (Przybysz, 2017).

Valentine (2007) lembra que as identidades não desaparecem nas diversas espacialidades, mas que alguns espaços as tornam mais ou menos evidentes que outros. Neste sentido, problematizar a dicotomia entre espaços públicos e privados, bem como a própria composição deles vem sendo um campo fértil na geografia feminista:

[...] levando em conta que as associações pessoais e cotidianas influenciam diretamente o espaço público e o esquecimento político das relações sociais privadas, as geografias feministas se voltam para a teorização do espaço privado, espaço público e a correspondência entre eles a partir das vinculações de gênero e sexualidade, já que a ciência geográfica por muito tempo deu ênfase apenas a modelos estabelecidos através do espaço público (Przybysz, 2017, p. 75).

Assim, buscar entender de maneira complexa, politizar o espaço privado e a esfera dos cuidados parece um caminho para compreender a própria construção da dicotomia que separa os espaços, trazendo para o campo a composição de um espaço que foi historicamente excluído da análise, em virtude de se tratar de espaço privado (Przybysz, 2011). Mayol (1996) trabalha de maneira interessante esse ponto, a partir de sua noção de convivência, que olha para a codificação simbólica inscrita nos comportamentos da vida social, enraizada nos agentes, a partir, justamente, do que chama de tradição cultural e que reflete, também, os componentes internalizados de maneira interseccional (identificações de gênero, de classe, raça etc.), nas negociações da esfera privada.

Diferentes perspectivas (Serpa, 2013; Gomes, 2002; Fraser, 2010) apontam para a problemática de pensar o espaço público sem pensar em sua composição

simbólica da mobilidade e dos acessos possíveis a partir da distribuição simbólica da composição das identidades dos agentes que ocupam posições nesse espaço. Isso significa encarar que o espaço público carrega em sua composição todas as construções sociais inscritas na vida das pessoas, relativizando a noção de liberdade que, por vezes, é carregada na noção de espaço público, para trazer uma relação de dependência formativa de toda sorte de normas de identidade já inscritas nos sujeitos a partir do privado (Przybysz, 2017).

Entendendo o espaço público nos termos propostos por Mitchell (2003), como o espaço de negociação entre estratos sociais e da sociedade para com o Estado, a composição desse espaço a partir de normatizações e exclusões a partir do espaço privado parece ser sobremaneira relevante para entender as dinâmicas de acesso político ao poder, excluindo-se determinados grupos dos espaços públicos, pelo seu confinamento aos espaços privados sem, contudo, problematizar a própria composição desse:

Pensar o espaço é perturbar a maneira que certas questões políticas vêm sendo pensadas e também pode contribuir para políticas já em curso. Compreender o espaço enquanto inter-relacional é pensar em práticas encaixadas que não são colocadas enquanto entidades/identidades já constituídas, mas sim construídas por e através do espaço, assim como o lugar sendo construído por e a partir de identidades relacionais, tudo isso constituído por meio de negociações internas, espaciais e escalares, ou seja, política (Przybysz, 2017, p. 87).

Existem trabalhos dentro do campo geográfico que buscam observar a transição entre os espaços, a partir da perspectiva do gênero, pensando em estratégias construídas por mulheres mães para acessar a esfera pública pelo empoderamento e a coletivização de suas demandas. Nesse sentido, Aitken (2000) analisa como mulheres mães monoparentais constroem estratégias e se organizam comunitariamente em torno do cuidado, de modo a tensionar a própria estrutura patriarcal que as confina ao privado. Além dessas perspectivas, Rago (1985) olha para as distinções de educação, que vão desaguar em distinções espaciais, especialmente em termos de perspectiva de ocupação de espaços de trabalho entre mulheres ricas e mulheres pobres.

Faltam às análises apontadas, no entanto, a perspectiva de coexistência de diferentes formas de ser mulher nos mesmos espaços, notadamente o público, e como a classe determina a possibilidade de transitar entre o espaço público por parte de determinadas mulheres, que irão impor a impossibilidade a outras, confinando-as no espaço público/privado do trabalho doméstico/reprodutivo. À vista disso, McDowell (1999) pontua que a interiorização da dicotomia público/privado tem criado seu reflexo espacial a partir da organização de quem pode e quem não pode ocupar as diferentes espacialidades. É nesse local, analisando a composição e construção social da espacialidade do espaço privado, quando da composição do próprio espaço e dos modelos de reprodução social adotados, que se pretende inserir a análise ora realizada.

Materiais e métodos

Serão analisados materiais publicitários da campanha de divulgação e comercialização das fraldas de pano “bebê ecológico”, promovida por Bela Gil, Morada da Floresta¹¹ e ChildFund Brasil¹².

Essa linha de fraldas de pano¹³ foi desenvolvida e lançada pela marca Bebês Ecológicos¹⁴, um braço do empreendimento social Morada da Floresta.

De uma busca na página da coleção de fraldas de pano Bebês Ecológicos no site oficial da apresentadora Bela Gil¹⁵, bem como no site da empresa parceira que cuida da produção e comercialização¹⁶, fomos conduzidos ao *hotsite* da campanha publicitária¹⁷, de onde se é direcionado a assistir o vídeo publicitário disponível na página oficial de Bela Gil, mantida na plataforma de conteúdos em vídeo YouTube¹⁸, realizado em parceria entre a apresentadora e a empresa Morada da Floresta.

Para análise, foram escolhidos os três vídeos veiculados para o lançamento da linha de fraldas Bela Gil, os quais podem ser acessados tanto através do

11 Morada da Floresta é um empreendimento social que se desdobra em finalidades, por um lado, comerciais e, por outro, filantrópicas: “Devido a amplitude das ações da Morada da Floresta, atuamos no segundo setor com a empresa social Morada da Floresta Soluções Ecológicas LTDA e no terceiro setor com Instituto Morada da Floresta, que recebeu a qualificação de OSCIP em 2011”. Disponível em: <https://loja.moradadafloresta.eco.br/quem-somos>.

12 ChildFund é uma entidade filantrópica internacional, sediada nos Estados Unidos, com a missão principal de fornecer assistência a crianças em situação de pobreza. Criada em 1938, a entidade está presente atualmente em 24 países. Disponível em: <https://www.childfund.org/about-us/>.

13 O processo de desenvolvimento do conceito é detalhado nos materiais disponibilizados pelas empresas/pessoas. Porém, não há menção ao processo produtivo das fraldas de pano que são disponibilizadas no mercado, ausência sensível em se tratando de empreendimento que leva em consideração seus impactos ambientais.

14 Conforme a descrição contida no website da própria empresa: “A marca Bebês Ecológicos da Morada da Floresta é pioneira no Brasil no desenvolvimento das fraldas de pano modernas e em conteúdos sobre o tema. Responsável por verdadeiras inovações que hoje são usufruídas por muitas famílias que utilizam as fraldas de pano” e “nossas fraldas de pano modernas foram desenvolvidas pessoalmente por mim, enquanto eu cuidava de minha primeira filha, Violeta Luz, que nasceu em 2008. Ao longo do tempo foram aprimoradas para acompanhar o crescimento de cada bebê até seu completo desfralde”. Disponível em: <https://bebeseecologicos.eco.br/quem-somos/>. Acesso em 06 abr. 2022.

15 Disponível em: <https://belagil.com/produto/fraldas-bebes-ecologicos-colecao-bela-gil/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

16 Disponível em: <https://loja.moradadafloresta.eco.br/bela-gil/fralda-ecologica-bela-gil>. Acesso em: 15 fev. 2022.

17 Disponível em: <https://bebeseecologicos.eco.br/colecao-bela-gil/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

18 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?t=3&v=cqP2BbovHdQ&feature=emb_imp_woyt. Acesso em: 15 fev. 2022. Além deste, há também os seguintes: Como usar e como lavar as fraldas de pano – Bela Gil (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1dfz_psnd5M, acesso em: 15 fev. 2022), contendo explicações de como usar e lavar as fraldas ecológicas; e Fraldas Bela Gil – Economia e conforto das fraldas de pano, (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dr8-UfDN8w>, acesso em: 15 fev. 2022), tratando de quantas fraldas ecológicas se deve adquirir. Todos os vídeos são uma parceria entre Bela e a empresa Morada da Floresta.

Canal do *Youtube* da Bela Gil¹⁹ quanto da Morada da Floresta²⁰. Na exploração do material publicitário recortado, pretende-se relacioná-lo com a teoria que nos dá suporte, “buscando fazer inferências descritivas”, de modo a colaborar com o surgimento de *insights* e hipóteses que orientam o processo social estudado, intenciona-se possibilitar uma contribuição teórica para os estudos na área (Sandes-Freitas, 2015, p. 68;73).

As inferências descritivas tornam-se possíveis ao tomar os enunciados enquanto atos complexos, de modo que a enunciação se torna “passível de ser estudada por uma teoria narrativa” (Fiorin, 1996, p. 32). Os enunciados produzem sentidos a partir de suas intertextualidades internas e, especialmente, externas, quando “caem” no interdiscurso²¹.

Nesse simulacro de ações humanas tornadas verbais, a teoria narrativa funciona para capturar a ação ou, ainda, permite-se “por operações de catálise, reconstruir o ato gerador do enunciado” (Fiorin, 1996, p. 32), compreendendo-o como, mais amplamente, um discurso.

Lembra-se que a produção dos sentidos desses enunciados (discursos) causa repercussões, em termos de mobilização e exclusão de determinados sujeitos ou determinados atravessamentos. A circulação de discursos no meio digital se avulta, considerando-se a potência que têm para mobilizar os sujeitos numa ou noutra direção; afinal, trata-se de mais “uma tecnologia política de linguagem que afeta o sujeito” (Lagazzi, 2020, p. 101).

O discurso acerca das fraldas de pano e com qual maternidade ele fala

Neste tópico, uma vez delimitado o recorte tomado, buscando-se sua explicitação narrativa, pretende-se explorá-lo em articulação com a teoria crítica sistematizada e, mais especificamente, acerca da divisão sexual do trabalho e de algumas facetas do ecofeminismo.

O ecofeminismo, assim como o feminismo, segue várias vertentes. Mas sua ideia central consiste em buscar um pensamento coletivo e realizar um exercício diário de reflexão. Desse modo, “o ecofeminismo não é uma teoria única sobre gênero e meio ambiente, mas se refere a uma variedade de perspectivas” (Connel, 2015, p. 224).

Assim, a crítica que o presente artigo se propõe a fazer não é em relação ao uso das fraldas de pano, mas ao uso do discurso de uma maternidade *eco friendly*, que se alicerça nos fundamentos de um feminismo liberal e alinhado com os interesses do capitalismo produtivista e global, que tenta vender soluções ecológicas para aliviar a consciência de uma classe média branca.

19 Canal da Bela. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/belagil>. Acesso em: 04 abr. 2022.

20 Canal Morada da Floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/moradadaflorestaoficial>. Acesso em: 04 abr. 2022.

21 Toma-se aqui a noção de interdiscurso correlata à de memória discursiva, que olha para a dependência constitutiva das formações ideológicas para a própria formação do sentido dos enunciados. Ou seja, não existe um sentido “em si mesmo” para as palavras, mas os sentidos (discursos) são construídos na inserção dos enunciados em determinadas formações ideológicas ou formações discursivas onde o enunciado esteja sendo produzido (Pêcheux, 1997a, p. 160).

Em outras palavras, pretende-se traçar os percursos discursivos contrapostos, em discursos que se revelam, parcialmente, no campo da mulher essencial, fazendo pontes, inclusive, com um certo feminismo de regresso à uma mística feminina, como no caso das ideias do segundo momento da maternidade (Scavone, 2001), e ao engrandecimento de qualidades impingidas como da natureza do feminino enquanto forma de emancipação.

Foram três os vídeos publicitários produzidos para a campanha. O primeiro, "Como usar e como lavar as fraldas de pano – Bela Gil" (Morada da Floresta, 2018a), trata-se de vídeo explicativo sobre como se dá o manuseio das fraldas de pano e suas vantagens em relação às fraldas descartáveis; ou seja, há um conteúdo mais informativo sobre o manuseio dos produtos e menos de divulgação por meio da qual se possa apreender os discursos que os sustentam e seus atravessamentos.

O segundo vídeo, "Economia e Conforto das Fraldas de Pano – Bela Gil" (Morada da Floresta, 2018b), visa abordar especificamente as vantagens econômicas e ambientais da utilização das fraldas de pano, em contraposição às fraldas descartáveis. Nesse vídeo, a apresentadora é entrevistada e apresenta sua experiência e impressões em relação ao produto. Assim, ainda que haja nele correlações interessantes entre as experiências de parentalidade e ecologias, o material detém predominantemente um viés, novamente, mais informativo acerca da utilização prática das fraldas de pano.

O terceiro vídeo, "Fraldas de Pano – Pensamentos da Bela – Bela Gil" (Canal da Bela, 2018), mencionado no *hotsite* da campanha e tomado como o mais relevante para a construção da totalidade da campanha publicitária, seus diálogos e articulações, faz uma apresentação do produto e as vantagens socioambientais vislumbradas pela apresentadora em relação a ele. Portanto, esse foi o material selecionado para compor o recorte para análise exploratória.

A partir disso e em virtude de se tratar do material mais abrangente, selecionou-se esse terceiro vídeo, intitulado "Fraldas de Pano – Pensamentos da Bela – Bela Gil", para desenvolvimento da análise.

O vídeo inicia com uma música suave, tocada por um violão, ao fundo, enquanto Bela Gil surge na tela. O ambiente, embora de fundo desfocado, passa a impressão de ser uma residência. Com isso, cria-se uma relação de intimidade e somos conduzidos ao lar da apresentadora, como que para ter uma conversa pessoal. Nesse momento, o interlocutor é cumprimentado:

Oi pessoal! Hoje eu vim falar de um assunto que eu amo que são as fraldas ecológicas ou as fraldas de pano e eu tô aqui com essas fraldas maravilhosas que eu fiz junto com a Morada da Floresta..., mas por que usar a fralda de pano?

Em primeiro lugar vem o amor pela natureza que eu sinto e que eu quero passar para os meus filhos. É uma fralda reutilizável, é uma fralda lavável, não é aquela fralda de pano de antigamente que se usava alfinete e tal... tinha que fazer uma dobradura específica... não é a mesma coisa.

Essa é muito mais prática, confortável e é igual uma fralda descartável, mas você lava ela e reutiliza (Canal da Bela, 2018, online).

As fraldas de pano são introduzidas, assim, nessa relação de intimidade. A razão de sua utilização é “o amor pela natureza”, a ser passado geracionalmente. Além disso, a tônica do discurso já se revela de início, na medida em que há uma tentativa de diferenciar as fraldas de pano que estão sendo apresentadas das fraldas de pano “de antigamente”. Em seguida são evocadas, novamente, mais questões de ordem ambiental/ecológica, apresentando-se alguns dados enquanto recurso persuasivo de para a construção do discurso:

Em primeiro lugar vem essa questão da sustentabilidade... quando a gente começa a pensar na quantidade de água que se usa pra fabricar uma fralda, na quantidade de petróleo... né, que se usa pra fabricação do plástico e por causa do transporte né... pra fralda chegar até a gente. Quando a gente pensa que isso tudo é utilizado pra gente utilizar a fralda somente uma vez a gente fala... gente isso não pode ser normal. Então acho que vale a pena repensar isso, né... acho que é muito importante.

Em média um bebê até o desfralde usa 5.000 fraldas, e a gente sabe que 30% do lixo... é... mundial não biodegradável é formado por fraldas descartáveis. Então, quando a gente vê esses números e quando a gente pensa nisso, a gente fala, bom... se a gente tem como mudar, se a gente tem como fazer algo diferente, a gente faz (Canal da Bela, 2018, online).

Sustentabilidade e ecologia são temas de primeira ordem na atualidade. No entanto, é preciso questionar a quem serve a ecologia e quem será responsável pela sustentação da sustentabilidade. Bela Gil prossegue trazendo seu segundo argumento em prol das fraldas de pano divulgadas:

E a segunda questão né... motivo pra gente usar fraldas de pano, eu acho que o conforto pro bebê é muito maior. O bebê se sente muito mais... né, confortável com uma fraldinha de pano. Não fica né... com aquela fralda descartável que tem muitas substâncias químicas, aquele gel, aquela coisa pesada e né...

Diferentemente do que as pessoas pensam, a fralda de pano moderna é super prática porque a gente... enfim, usou, colocou num baldinho depois de um, dois, três dias, você recolhe esse balde com o tanto de fralda que tem lá e joga na máquina de lavar. Igual você pega a sua roupa e coloca numa cestinha antes de entrar no banho e... sei lá... alguns dias da semana você pega e joga na máquina de lavar? Então! É a mesma coisa (Canal da Bela, 2018, online).

Conforto para o bebê e conforto para quem exerça a parentalidade sem, contudo, circunscrever quem são as pessoas nesse exercício, dentre as inúmeras possibilidades de interpretação dos signos do cuidado/reprodução (Scavone, 2001). Porém, a solução “super prática” da apresentadora é a de deixar as fraldas de pano em conjunto com as demais roupas sujas e, quando chegar o momento apropriado, colocar tudo na dinâmica comum de lavar as roupas no espaço domiciliar.

Nesse ponto é que o discurso começa a apresentar suas exclusões mais graves em relação aos seus atravessamentos, especialmente no que toca o gênero, afinal, o espaço doméstico é o espaço, tradicionalmente, de opressão de gênero (e também de classe e raça, especialmente no caso de trabalho doméstico remunerado) (Biroli, 2018). Não circunscrever historicamente as posições dos sujeitos na economia dos cuidados (Perrot, 2019) é corroborar a perpetuação de uma estrutura que tem reservado, de maneira acrítica, o trabalho reprodutivo às mulheres, circunscrevendo a reprodução na sua própria natureza (Carrasco; Borderías; Torns, 2011; Zanello, 2018).

Além do gênero, há também uma exclusão discursiva dos atravessamentos derivados das classes sociais daqueles que exerçam a parentalidade, na medida em que a resposta proposta pela apresentadora para sua própria questão de “quem vai lavar a fralda de pano?” é “a máquina de lavar”.

Dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD Contínua) davam conta de que, em 2015, 38,86% dos domicílios brasileiros não possuíam máquinas de lavar (IBGE, 2015). Outro dado da PNAD Contínua de 2019, porém, revela que a média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, é de 21,4 horas para mulheres e 11,0 horas para homens (IBGE, 2019)²².

A apresentadora prossegue explicando a dinâmica em relação à lavagem das fraldas:

Por exemplo, o Nino fez xixi, então eu tirei e deixei ali no baldinho no banheiro, se quiser pode ser no quarto ou na área de serviço. E quando acumulou, encheu o baldinho, joga na máquina de lavar. Simples assim. E de cocô, se você quiser passar um sabãozinho de coco e deixar de molho antes... perfeito. E pra secar é só colocar na máquina de secar, se você tiver, né..., mas... se você tiver um sol bem bom você deixa pra secar assim (mostra a fralda de pano aberta com a estampa virada para o lado de dentro), porque o sol se você deixar a fralda com a estampa virada pro sol ele desbota né. Ai vai começar a perder a cor, então é bem importante que você deixe assim (mostra a fralda virada com a estampa para baixo novamente) até mesmo porque essa parte de dentro é a mais importante pra secar e você poder reutilizar no seu bebê. Então, essa fralda é tudo onde o absorvente já tá costurado na fralda. Porquê... o que acontece? Você lavou secou, já coloca o absorvente dentro da fralda e fecha, coloca na gaveta. Fica igual uma fralda descartável! Você pega, abriu e colocou no bebê. Esse elasticozinho aqui ajuda a segurar bem o cocô do bebê, não deixa vaziar. Ela absorve muito bem, e quanto mais a gente usa, mais ela absorve né... então ela vai ficando melhor. E... ela tem uma coisa que pra mim é maravilhoso. A gente dobra ela assim (mostra fralda enrolada) quando tá na rua e tem que ir pra

22 Isso sem levar em conta outro problema, que é o fato de que esta é a segunda jornada da mulher na dupla jornada de trabalho, que impõe tanto a sobrecarga da mulher na economia dos cuidados, quanto uma condição de precariedade da mulher em relação ao homem no mercado de trabalho formal/informal. Então, a essas impõe-se ser capazes de permanecer atendendo às necessidades da sua prole e também de seus chefes (Vergés, 2020; Federici, 2019).

casa com a fralda com xixi ou com cocô, sabe? Ela tem esse botão aqui que deixa a fralda fechadinha, dá pra colocar dentro da sua bolsinha, não vaza cheiro e nem xixi e nem cocô e é muito fácil, muito prático (Canal da Bela, 2018, online).

Nesse trecho, o que chama a atenção é a suposição de que o interlocutor a quem Bela Gil fala dispõe de máquina secadora de roupas, o que tende a demonstrar que o enunciário de sua mensagem é alguém de uma classe social certamente elevada, levando-se em conta, como mencionado, que 38,86% dos domicílios brasileiros não dispunham sequer de máquina de lavar roupas, em 2015.

Além disso, chama atenção a tentativa de descrever o trabalho em relação a lavar roupas como um trabalho que pode ser fácil, rápido, prático e, novamente, que a modernidade serviria para desonerar as pessoas dele, o que serve a apagar que ele é realizado esmagadoramente por mulheres de classe socioeconômica mais baixa e, ainda mais especialmente, negras, no caso do trabalho doméstico remunerado (IPEA, 2011).

É crucial reconhecermos que, ao tratar do trabalho doméstico desempenhado pelas mulheres, estamos falando de uma das violências mais dissimuladas e sutis disseminadas pelo capitalismo (Federici, 2019). A crítica que se estabelece a partir da fala de Bela Gil é a de que a preocupação ambiental que subjaz o fenômeno da maternidade naturalista fecha os olhos para o fato de que quanto mais pobre a família, maior a precariedade a que a mulher estará submetida e mais violento se afigura esse discurso para sua existência (Federici, 2019).

Diferente dessa noção acerca da necessidade de reconhecimento e legitimação da reprodução enquanto um imenso trabalho que vem sendo realizado pelas mulheres e agravado a depender dos demais marcadores sociais que a atravessem, prossegue a apresentadora sustentando a economia relacionada à utilização das fraldas de pano:

E meu terceiro motivo pra utilizar a fralda de pano é porque ela é mais econômica. Sim! Ela é econômica. Sim, é um investimento maior inicial mas ao longo dos anos, se você for ver dois anos, três anos utilizando a fralda de pano você vai ver que economizou muito dinheiro. Isso porque essa fralda de pano você vai usar pro primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto filho. Pode dar pro sobrinho, afilhado, quem você quiser. Depois que já utilizou né. Então é importante dar vida longa a essa fralda e é a gente ter um impacto menor no meio ambiente né e viver e criar os nossos filhos de uma maneira mais saudável e sustentável (Canal da Bela, 2018, online).

Não se está querendo dizer que os argumentos carreados não sejam relevantes, longe disso. A questão proposta é outra: quem estará economizando e quem pagará a conta, especialmente em termos de trabalho, sobre a economia realizada? Reivindicar uma economia considerando apenas os valores gastos e economizados na utilização dos diferentes produtos é ignorar toda a economia relativa à divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009; Bruschini, 1985; Carrasco, 2008).

Procurar soluções ecológicas e sustentáveis em relação à produção e manejo de resíduos é muitíssimo importante. Porém, a esta altura, parece possível supor que o renascimento de um discurso de maternidade mais atrelado à natureza seria, lembrando-se também as críticas de Scavone (2001), capaz de levar em conta a divisão sexual do trabalho, pensando nas dificuldades impostas e à extensão da invisibilidade desse trabalho reprodutivo (Vergés, 2020).

Por fim, em síntese e como despedida, a apresentadora finaliza:

Não posso deixar de destacar também que essas fraldas, elas são 100% brasileiras. Eu sei de onde vem todo o tipo de material é... tem valor econômico-social e ambiental muito... agregado a essas fraldas e acho que isso também é muito importante de ser trazido.

Mas acho que são esses três motivos né, amor pela natureza, conforto e economia que me fazem querer utilizar e compartilhar com vocês essa fralda de pano maravilhosa.

Se você gostou desse vídeo se inscreve aqui no canal, divulga esse vídeo, deixa seu comentário aqui embaixo, compartilha esse vídeo com mães e é... futuras mães ou mulheres que, enfim... que estão na dúvida se quem ou não querem, que estão na dúvida de como usar ou que nunca ouviram falar da fralda de pano para que elas conheçam essa alternativa que é muito boa que e que assim a gente fomenta esse novo hábito que tá voltando na verdade né... [ri] de novo não tem nada. Mas... muito importante.

Vou deixar aqui embaixo o site da Morada da Floresta pra vocês comprarem as fraldas, conhecerem mais esse trabalho maravilhoso e deixa um like aí se você gostou. E se você já usa a fralda de pano... êêêê! (Canal da Bela, 2018, online).

Corroborando boa parte do que foi trazido em termos de teoria, a fala de Bela Gil demonstra, em despedida, precisamente o enunciário almejado pelo vídeo, ou seja, a quem o material fala: “mães [...], futuras mães ou mulheres [...]”. É, novamente, a naturalização de uma maternidade e, em nosso eixo de análise, de uma parentalidade cujo trabalho de reprodução cabe às mulheres (Vieira; Ávila, 2018; Badinter, 2011).

Disso advém a indagação sobre a quem caberá a reforma da conduta familiar em relação aos novos cuidados com a prole, a partir de uma perspectiva mais sustentável, senão, novamente, às mulheres: “Embora invisíveis no modelo formal da economia, as capacidades produtiva e reprodutiva das mulheres [...] constituem a base de um todo” (Connell, 2015, p. 235).

Vandana Shiva, ativista ambiental indiana e prolífica escritora ecofeminista²³, defende que a ecologia precisa dialogar com o feminismo, para

23 Shiva abandonou sua carreira como física nuclear para combater as indústrias químicas com potencial destrutivo que começavam a se instalar em sua cidade sob o pretexto de desenvolvimento. Trata-se do acidente na fábrica da Union Carbide na cidade de Bhopal, quando mais de 40 toneladas do gás isocianato de metila vazaram em 1984, matando milhares de pessoas e expondo mais de meio milhão de habitantes do entorno, que impactarão a saúde das próximas gerações (BBC Brasil, 2014).

evitar que a própria ideia de desenvolvimento continue a ser uma extensão de uma visão econômica patriarcal, baseada na exploração ou exclusão das mulheres (Shiva, 1988).

Carrasco (2008), por sua vez, constrói seu argumento pensando em uma economia feminista que se sobreponha às políticas econômicas de caráter liberal, perscrutando os efeitos específicos que estas causam na vida e no trabalho das mulheres (Carrasco, 2008). Tanto Shiva (1988) quanto Carrasco (2008) propõem a articulação entre ecologia e valorização do trabalho reprodutivo, ainda que com abordagens distintas.

O que ambas as autoras têm de umbilicalmente comum é a crítica à realidade capitalista em que estamos inseridas, propondo soluções que ultrapassem uma remodelagem do próprio consumo. Raewyn Connell (2015) lembra que Vandana Shiva defende ser apenas no alicerce de uma teoria ecofeminista que será possível pensar uma ruptura com o modelo colonialista de desenvolvimento, que visa a exploração global sem medir o custo humano imposto (Shiva, 1988).

Assim, o ecofeminismo não é algo que possa ser comercializado, pois faz parte de uma proposta muito maior de rompimento com modelo econômico vigente, visando a libertação não só das mulheres, mas de todas as minorias que são mais exploradas, além de mais afetadas com os efeitos ecológicos de um capitalismo desenfreado e uma masculinidade que impõe que esses grupos façam todo o trabalho sujo do mundo (Vergés, 2020).

Considerações articuladas

A adoção de fraldas reutilizáveis é, certamente, uma medida que pode, se adotada e em larga escala, ter um grande impacto ambiental. No entanto, sua adoção ainda não é acessível nem possível para a maioria das mulheres. Apesar de representar, em primeiro lugar, uma economia no longo prazo, inicialmente implica em um investimento inicial de R\$ 1.200,00 a R\$ 2.000,00 (compra de aproximadamente 25 fraldas, possibilitando a troca, lavagem e secagem). Tal investimento, para que seja feito de uma só vez, demanda certo poder aquisitivo.

Além disso, somente a lavagem exige um investimento pessoal no seu processo (tempo) e custo (água e eletricidade para aquelas que possuem máquinas), que é significativo, se em contraposição a isso, as fraldas descartáveis apenas são jogadas no lixo.

Portanto, no momento, a adoção de fraldas reutilizáveis ainda é uma empreitada circunscrita a círculos de classe média com alguma consciência ambiental. Ora, se é preciso começar, é preciso que se comece. No entanto, esse discurso, claramente orientado a essas camadas, ignora, solenemente, que todo o trabalho sujo de lavagem e higienização será acrescentado à já pesada carga das empregadas domésticas e diaristas, mulheres racializadas e mal remuneradas que fazem o trabalho sujo do mundo, como nos lembrou Vergés (2020).

Portanto, a resposta que se afigura mais adequada à pergunta “quem vai lavar a fralda de pano?” é relativamente simples: as mulheres, e não serão as protagonistas dessa maternidade naturalista, mas aquelas às quais eles

exploram, delegando o trabalho mais sujo de suas atribuições.

Mas não se pretende, com a crítica, que se jogue fora o bebê junto com a fralda de pano. Existe uma justa indignação em relação à sustentabilidade/ecologia que move esse discurso, bem como nele subjaz também um desejo legítimo de libertação das mulheres através da conexão com a “mãe Terra”. Ocorre, porém, que esse discurso não faz toda a terra germinar igualmente, servindo para florir alguns jardins, enquanto arrasa outras terras.

É preciso inquirir, a partir dos traços presentes e apagados desses discursos que constituem sua alteridade, portanto, as tensões que se revelam nesses enunciados que circulam – e repercutem – tão prolificamente no ambiente digital, pelo seu potencial de desvelar neles interesses por vezes ocultados.

Dissociar as noções acerca da maternidade do seu caráter biológico, historicizando as experiências e desvinculando-as de uma ideia essencializada de “natureza” feminina, possibilita que se inscrevam nos sujeitos os conflitos entre diferentes formas de existir (Meyer; Schwengber, 2019), tornando possível problematizar os próprios discursos para, identificando suas ausências, torná-las um espaço de outras e novas significações. Afinal, como pontua José Luiz Fiorin (1996, p. 303) “há possibilidades não realizadas [de discurso e que este], [...] sendo da ordem da História, pode mudar o sistema”.

A própria composição do espaço público se dá a partir das negociações que ocorrem no espaço privado. Tais negociações têm sido invisibilizadas pelo olhar dicotômico sobre as espacialidades (público e privado), fazendo-se necessário tornar mais complexo o olhar sobre a formação dessas espacialidades (Przybysz, 2017).

Disso depreende-se a importância do pensamento carreado nas geografias feministas, na medida em que ele nos chama a pensar os espaços não como fixos, mas em movimento, compreendendo-se sua multiplicidade, bem como como subproduto de relações entre agentes em condições de negociação (Massey, 2008), politizando-os.

Entende-se, assim, que é preciso analisar o espaço para, a partir de suas ausências e limites, entender como ele pode ser moldado para alcançar, de fato, a humanidade, compreendida ecologicamente, sem que isso signifique a exclusão de parte das mulheres dessa ecologia. Afinal, ou a ecologia funciona pensando em todas, ou ela parece deixar de ser ecológica.

Referências

AITKEN, Stuart. Mothers, communities and the scale of difference. *In: Social & Cultural Geography*, v. 1, n. 1, p. 1470-1197, 2000.

AMARAL, Denise Meira do. Produtos sustentáveis para bebês e crianças vendem mais na pandemia. **Folha de São Paulo** (online), publicado em 22 de maio de 2021, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2021/05/produtos-sustentaveis-para-bebes-e-criancas-vendem-mais-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito**: A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record,

Bruna dos Santos Gonçalves, Arlene Martinez Ricoldi

2011.

BBC Brasil. **Como nuvem letal matou mais de 8 mil pessoas em 72 horas**, publicado em 3 de dezembro de 2014, 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141203_gas_india_20anos_rp. Acesso em: 13 abr. 2022.

BELA GIL. **Bela Gil Bio**, 2020a. Disponível em: <https://belagil.com/belagil/biografia/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BELA GIL. **Embaixadora da ChildFund Brasil**, 2020b. Disponível em: <https://belagil.com/projetos/embaixadora-da-childfund-brasil/>. 2020b. Acesso em: 14 abr. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRUSCHINI, Cristina. Desvendando uma trama invisível. **Revista Mulherio**, ano 5, n. 21, p. 20, 1985.

CANAL DA BELA. Fraldas de Pano – Pensamentos da Bela – Bela Gil. **YouTube**, publicado 15 de fevereiro de 2018, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqP2BbovHdQ>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CARNEIRO, Raquel. Mulheres que correm com os lobos ilumina best-sellers que não saem de moda. **VEJA Cultura** (online), publicado 26 de fevereiro de 2021, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/mulheres-que-correm-com-os-lobos-ilumina-best-sellers-que-nao-saem-de-moda/>. Acesso em: 05 abr. 2022.

CARNEIRO, Rosamaria. Dilemas de uma maternidade consciente: A quantas anda a conversa dos feminismos com tudo isso?. **Cadernos de Gênero e Diversidade** (UFBA), v. 5, n. 4, p. 181-198, 2019.

CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lúcia; TITO, Neuza (Orgs.). **Trabalho doméstico e de cuidados: por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana**. São Paulo: SOF, 2008.

CARRASCO, Cristina; BORDERÍAS, Cristina; TORNOS, Teresa. **El trabajo de cuidados: Historia, teoría y políticas**. Madrid, ES: Catarata, 2011.

CHILDFUND BRASIL. **Quem somos**, 2022. Disponível em: <https://www.childfundbrasil.org.br/quem-somos/>. 2022. Acesso em: 14 abr. 2022.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CORDEIRO, Mariana Sbaraini. Mãe: A invenção da história. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, **Anais [...]** Florianópolis, 2013.

DIAS, Patrícia. **Bela Gil comeu placenta após nascimento do filho**: “Fonte incrível de nutrientes”. Blog Pure People, publicado em 12 de setembro de 2016, 2016. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/bela-gil-comeu-placenta-apos-nascimento-do-filho-fonte-incrivel-de-nutrientes_a135156/1. Acesso em: 13 abr. 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERRAND, M. LANGEVIN, A. De l'origine de l'oppression des femmes aux “fondements” des rapports sociaux de sexe. *In*: BATTAGLIOLA et alii. (Org.) **A propos des rapports sociaux/parcours épistémologiques**. Paris, Centre Sociologie Urbaine/CNRS, 1990. p.17-76.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo, SP: Editora Ática, 1996.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo**: um estudo da revolução feminista. Rio de Janeiro: Editorial Labor, 1976.

FRASER, Nancy. **Scales of Justice**: Reimagining Political Space in a Globalizing World. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

GARRAFA, Thais. Primeiros tempos da parentalidade. *In*: TEPERAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (Org.). **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 55-69.

GIL, Bela. **Bela Maternidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUTMAN, Laura. **A maternidade**: e o encontro com a própria sombra. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.

HARAWAY, Donna. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: PNAD Contínua Anual. Séries Históricas e Estatísticas. Tema: famílias e domicílios. Subtema: bens duráveis existentes no domicílio. Brasil: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística, 2015.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: PNAD Contínua Anual. Tabela 7015 - Média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, por sexo. Brasil: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística, 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7015>. Acesso em 14 abr. 2022.

IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. 4. ed. Brasília: 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2022.

JUNG, Carl G. **Aspectos do feminino**. 2. reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2021.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho (verbetes). *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KNOPP, Larry. On the relationship between queer and feminist geographies. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 47-55. 2007.

LAGAZZI, Suzy. A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. *In*: FARIA, J. p. de; SANTANA, J. C.; NOGUEIRA, L. (Org.). **Linguagem, arte e o político**. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-102.

MAIA, Maria Carolina Maia. **Laura Gutman**: “Os pais precisam obedecer aos filhos”. Blog VEJA Meus Livros, publicado em 30 de setembro de 2017, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/meus-livros/laura-gutman-os-pais-precisam-obedecer-aos-filhos/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAYOL, Pierre. Morar. *In*: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (Org.). **A Invenção do Cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes,

1996.

MCDOWELL, Linda. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MEYER, Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Revista Gênero**, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SCHWENGBER, Maria Simone. Maternidade (verbete). In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 495-500.

MITCHEL, Don. **The right to the city: social justice and the fight for public space**. Nova Iorque: Guilford Press, 2003.

MORADA DA FLORESTA. Como usar e como lavar as fraldas de pano – Bela Gil. **YouTube**, publicado em 3 de maio de 2018, 2018a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1dfz_psnd5M. Acesso em: 04 abr. 2022.

MORADA DA FLORESTA. Fraldas Bela Gil - Economia e conforto das fraldas de pano. **YouTube**, publicado 20 de fevereiro de 2018, 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dr8-UfDN8w>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MORADA DA FLORESTA. **Morada da Floresta: Seu melhor impacto na natureza**, 2022a. Disponível em: <https://moradadafloresta.eco.br/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MORADA DA FLORESTA. **Tamanho único (5 a 17kg)**, 2022b. Disponível em: <https://loja.moradadafloresta.eco.br/maternidade-sustentavel/fraldas-ecologicas/tamanho-unico-5-a-17kg>. Acesso em: 24 nov. 2022.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; Rio de Janeiro, RJ: IUPERJ, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

PONTES, Fernando Augusto Ramos; SILVA, Simone Souza da Costa; Garotti, Marilice; Magalhães, Celina Maria Colino. Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, n. 26, p. 67-79, 2007.

PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado:**

Bruna dos Santos Gonçalves, Arlene Martinez Ricoldi

transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

PRZYBYSZ, Juliana. **Nem santas nem putas, apenas mulheres: Espacialidades de mulheres prostitutas de baixa renda no exercício de maternagens em Ponta Grossa – PR.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplina Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Redação NT. **Bela Gil relembra críticas ao mostrar lancheira da filha: "Foi um escândalo".** Blog Na Telina, publicado em 04 de setembro de 2020, 2020. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2020/09/04/bela-gil-relembra-criticas-ao-mostrar-lancheira-da-filha-foi-um-escandalo-150400.php>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SANDES-FREITAS, Vítor Eduardo Veras de. Qual o lugar do caso nas Ciências Sociais?. **Revista Conexão Política**, v. 4, n. 2, p. 67-81, 2015.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, 16, p. 137-150, 2001.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVI, n. 1, p. 76-82, 2010.

SERPA, Angelo. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. **Revista Cidades**, v. 10, n. 17, p. 61-75, 2013.

SILVA, Joseli. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2009.

SHIVA, Vandana. *Staying Alive: Women, Ecology and Development.* India: Kali for Women; London: Zed Books Ltd., 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

VALENTINE, Gill. Theorizing and researching intersectionality: A challenge for feminist geography. In: **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21. 2007.

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** Trad.: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; ÁVILA, Alana Aragão. Um olhar sobre o fenômeno da maternidade naturalista: refletindo sobre o processo de maternagem. **Revista Gênero** (UFF), v. 18, n. 2, p. 26-47, 2018.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. São Paulo: Appris Editora, 2018.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Bruna dos Santos Gonçalves: Investigação, conceituação, metodologia, Escrita – primeira redação.

Arlene Martinez Ricoldi: Análise formal, Escrita – revisão e edição, supervisão.

Recebido em 05 de fevereiro de 2023.

Aceito em 09 de setembro de 2023.

Bruna dos Santos Gonçalves, Arlene Martinez Ricoldi